

Projeto do Programa PROBIC na área de Psicologia  
Título do projeto proposto: “Hospícios: Asilos ou Passagens”  
Coordenador do projeto: Helder Rodrigues Pereira  
Aluno: Samara Cristiane de Araújo Faria  
Colaboradores : Vanessa Carvalho e Leonardo Lima Feres Gama  
Vigência do projeto: setembro/2020 a setembro/2021

## **HOSPÍCIOS: ASILOS OU PASSAGENS?**

*Helder Rodrigues Pereira*

O trabalho de buscar analogias deve se fazer criterioso. Não são muitas as possibilidades de propor aproximações comparativas entre símbolos diferentes de um mesmo espaço. Aqui, o que interessa é o espaço urbano. Parece que por si mesmo esse espaço caldeia diferentes emoções ao mesmo tempo em que apresenta suas tentativas de organizações com diferentes sujeitos. A *civitas* há que ser um lugar organizado. Não se pode conceber uma civilização que se baseia na desordem. No entanto, toda civilização parte de um crime: o do pai da horda primeva, Rômulo e Remo, Adão e Eva e o próprio Édipo são exemplos míticos do mal-estar que insiste em penetrar na harmonia da ordem urbana. A cidade está, pois, mais uma vez colocada para ser observada, devassada e apontada como um dos ideais humanos e que, por isto mesmo, traz em si os mais diversos sinais desta mesma humanidade: caos e ordem.

Na pesquisa empreendida<sup>1</sup>, o tema-objeto foi transitar por um significante intrigante e emblemático: as passagens de Paris. E assim o fizemos sendo conduzidos pelo texto de Walter Benjamin (*Das Passagen Werk*): o trabalho das passagens. Foi um percurso que não terminou, pois é um percurso, talvez, interminável. As passagens se nos apresentaram como contínuas ressignificações da cidade e, portanto, das pessoas que vivem nela, por ela e em torno dela. Uma cidade não se faz sem passagens, seguramente. Fernand Braudel (1996) já havia dito que uma cidade é sempre uma cidade, onde quer

---

<sup>1</sup> Programa de Iniciação Científica – PROPE – Centro Universitário Presidente Antônio Carlos. Pesquisa realizada entre os meses de setembro de 2020 a setembro de 2021. Coordenador do projeto: Helder Rodrigues Pereira; aluna bolsista: Samara Cristiane de Araújo Faria; alunos voluntários: Vanessa Carvalho e Leonardo Lima Feres Gama. Curso de Psicologia.

que ela se encontre: em Londres, em Paris, no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Roma ou em Jerusalém – a cidade sempre traz a característica que lhe é própria, qual seja: atrair as pessoas, prometer melhores condições de vida que se mostra pelo acesso à cultura, à educação, à saúde e aos contatos humanos – essenciais para a formação urbana e indispensáveis para a realização do ideal humano da civilização. Presentemente, podemos afirmar que há outra característica no modelo urbano: as passagens.

Aqui temos uma discussão que perpassa o conceito de poder, este que está presente sempre que tocamos na posição histórica e social das pessoas. É por isto que conduzimos a pesquisa, como em um *flash* de fotografia, alternar aspectos do hospício com as passagens em uma empreitada insólita, pois o charme e a elegância da cidade-luz deveriam alternar seus signos com a obscuridade dos porões da loucura<sup>2</sup>. Iniciamos, pois, um diálogo entre Barbacena e Paris. Mas é um diálogo que não se restringe a uma e a outra cidade especificamente, pois o que está em questão é a ideologia do poder que buscava uma ideologia macabra, segundo a qual as classes não se diferenciam e não se separam, podendo assumir uma vivência harmônica e pacífica.

Ora, em se falando em poder, não se pode obnubilar o poder desaparecedor<sup>3</sup> – aquele que na América Latina insiste em permanecer escondido, oculto, escamoteado sob visões estarrecedoras de um progresso que não vem para todos. Há algumas questões: o que nos envergonha? O que nos desonra? O que leva à corrosão dos sentimentos? Há algo ocorrendo de errado. Há algo que nos chama à memória e nos leva a abrir as celas dos porões da loucura, que encarceraram pessoas e que torturaram ideologias. A mesma ideologia do desaparecimento confinou e torturou por anos aqueles denunciadores da

---

<sup>2</sup> O termo faz alusão à obra homônima de Hiram Firmino (Nos porões da loucura - 1979), pelo qual o jornalista apresenta, em termos de denúncias, as condições desumanas que marcavam o cotidiano das pessoas internadas no Hospital Colônia de Barbacena – atual Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena.

<sup>3</sup> O termo faz alusão às considerações de Pilar Calveiro, na obra em que discute os campos de concentração na Argentina. A obra, no Brasil, foi editada pela Boitempo, em 2013.

desordem urbana, da desordem da razão. Foram erguidos muros, mas aquilo que foi escondido revela mais das características da máquina social do que aquilo que foi explícito. Esta invenção – a dos muros – delimita um lugar para as classes sociais perigosas ou, pelo menos, para as pessoas perigosas. Seja no espaço intramuros do hospício, seja nos espaços extramuros das cidades, seja nos hospícios, seja nas passagens as pessoas buscam o esteticamente agradável, por um viés narcísico que visa a destruir qualquer tipo de mal-estar. A lógica é segregatória e causa um esvaziamento ao criar um pertencimento aparente. É assim que opera o condomínio: um sintoma social que busca conter o conflito e articular a diferença e a divisão.

Mas a lógica do condomínio<sup>4</sup> é uma lógica de uma pretensa harmonia intramuros. A mesma lógica do hospício – um sintoma social para conter agentes conflituosos e semeadores da desordem e da desarmonia pelo seu próprio *modus vivendi* – o louco. À proporção que o condomínio se movimenta para um afastamento da cidade, um afastamento do diferente, no condomínio do hospício é a cidade quem se afasta, tão bem quanto se afasta de realidade colocada em questão pelas passagens parisienses: temos, aqui nas passagens, uma outra cidade, não a cidade das sujeiras das ruas que se sujam de mendigos e de cães, mas uma cidade protegida e organizada pelas mãos do capitalista.

A análise de Benjamin sobre as passagens é didática para uma compreensão da produção capitalista e suas relações. Assim se configuram as passagens, onde cada entrada é também uma saída. De forma análoga, os muros do hospício são muros de separação, mas também são muros de proteção. As passagens são consideradas por Benjamin como uma cidade em miniatura que tudo oferece às pessoas que as procuram. A fantasmagoria, ou seja, as mercadorias que resplandecem com toda a sua força nas vitrines, ilumina aspectos ambíguos da experiência coletiva, remetendo ao espetacular da

---

<sup>4</sup> Sobre a lógica do condomínio, a discussão aqui está baseada na obra de Christian Dunker: *Mal-estar, sofrimento e sintoma*, editado pela Boitempo em 2015.

mercadoria e ao impacto que exerce na subjetividade, no cotidiano, nas imagens do desejo.

As passagens, repletas de vitrines com objetos de desejo, passam a oferecer uma vida feliz, passam a prometer saciedade àqueles que as admiram. Desta forma, as passagens têm a função de afastar os transeuntes daquilo que possa trazer insatisfação, que não é adequado à vida urbana. Também os hospícios mostram suas vitrines de loucos às mentes ávidas de ciência, prometendo um espaço profícuo de observações, ensaios e erros sobre a loucura, ao mesmo tempo em que os afasta do convívio das cidades.

A fantasmagoria está presente nas ruas, transformando o ser humano em mercadoria, buscando perpetuar o passado mítico e utópico, sem os despertar. É a mesma fantasmagoria que se presentifica nos hospícios. Benjamin coloca em evidência a necessidade de colocar razão e mito em oposição para assim despertar a sociedade do sonho de um progresso contínuo e linear, que não existe, mas que faz parte das promessas capitalistas que consistem em suma, na exploração do homem pelo homem e à sujeição desse à condição de mercadoria. No hospício, a cidade se encontra nos detalhes, na ideologia da dominação e na utópica perspectiva do sucesso da ciência e da razão sobre o desespero humano.

A existência do hospício coloca os sujeitos isentos do condicionamento histórico-social em uma fantasmagoria angustiante de que ali é o lugar para o cuidado e para a vida regrada, sendo essa a melhor condição possível. É a fantasmagoria de pertencimento a um lugar quando todos os outros lugares foram perdidos. O hospício é a cidade ideal da loucura e oculta na metáfora de seus muros o poder segregador que traz em si. Assim operam as passagens.

Sob a perspectiva metafórica das vitrines, o alienismo internou e afastou, classificando pessoas de acordo com as patologias. Os loucos, em seus leitos ou suas celas, eram observados pelos médicos ou pelos visitantes, eram vigiados pelos guardas, como se fossem mercadorias pois, na era de ouro da psiquiatria, a loucura, de fato, tornara-se um negócio, sendo seus corpos, vivos

ou mortos<sup>5</sup>, passíveis de gerar lucros para um sistema que fetichiza seja qual for o aspecto que a mercadoria possa vir a ter. A vitrine de seres humanos: há nas passagens, há nos hospícios, no encontro entre mercadoria e fetichismo – quando parece ao objeto ter, finalmente, encontrado o seu lugar de objeto perdido, causa de desejo.

Assim como as passagens, os hospícios são também um monumento burguês. Tanto cá como lá, uma das funções era retirar/desalojar os moradores de rua. Limpeza urbana e higienização dos espaços públicos. Sob uma visada arquitetônica, Benjamin dá vozes às ruas, que afrontam as passagens, mostrando-lhes que não são ruas, que não passam de uma mimésis do espaço de circulação. As ruas de Paris, ao se dirigirem às passagens, reclamam de volta seus transeuntes. Mas elas – as passagens – e eles – os hospícios – fazem parte do artifício científico-burguês de instaurar espaços artificiais e investir de um certo *glamour* os espaços de isolamento. Onde estariam as cidades nesses espaços de exclusão? Mas é provável que haja também um espaço de trocas. Outrora cercada por muralhas, as cidades se viam protegidas e delimitavam espaços entre urbanos e suburbanos. Ainda assim, as muralhas não eram monolíticas, mas apresentavam em sua estrutura uma porosidade onde as trocas se faziam possíveis. Jacques Le Goff (1998) argumenta que as muralhas foram substituídas pelos *Grands Boulevards*, espaços abertos mas igualmente delimitadores de lugares.

Ao delimitar os espaços urbanos, as cidades criam os *banlieues*, lugar de afastamento e de distância a tomar dos degenerados de toda ordem.

Na antiga Grécia, mostravam-se os lugares pelos quais se descia ao reino dos mortos. Também nossa existência desperta é uma terra em que se desce ao reino dos mortos, cheia de lugares aparentemente insignificantes, onde desembocam os sonhos. Passamos por eles todos os dias sem nada suspeitar; porém mal vem o sono, nos apressamos em voltar em sua direção, procurando-os pelo tato, e nos

---

<sup>5</sup> Consideramos, aqui, a venda de cadáveres pelo Hospital Colônia de Barbacena às faculdades de Medicina. Um comércio macabro de corpos para os estudos de anatomia nas universidades brasileiras.

perdemos nos corredores sombrios. O labirinto de casas das cidades assemelha-se à luz do dia à consciência; as passagens (...) desembocam de dia imperceptivelmente nas ruas. Entretanto, à noite, das massas de casas sombrias, emerge assustadora sua escuridão mais compacta (BENJAMIN, 1935/2009, p.96).

É apenas na aparência que a cidade é homogênea. É possível entender onde ficam as linhas que demarcam as diferentes divisões. E elas estão nos viadutos, nas ruas, à beira dos rios, no interior das passagens e dos hospícios.

De acordo com Benjamin (1935/2009, p.104),

cada época presente deveria estar em sincronia com determinados momentos da história, a tal ponto que todo acontecimento singular do passado só se tornaria 'legível' em uma determinada época, 'na qual a humanidade, esfregando dos olhos, percebe esta imagem onírica como tal. É neste instante que o historiador assume a tarefa de interpretação dos sonhos'.

Um dos sonhos do capitalismo é a ascensão do homem privado, este que se isola para alcançar o crescimento particular. Esse homem exige que o *intérieur* sustente suas ilusões. As fantasmagorias do *intérieur* representam para o homem privado o seu universo. Seu salão é um camarote no teatro do universo. Neste sentido, o homem privado é o seu próprio fetiche pois ele também é mercadoria nesse universo das passagens. Como as prostitutas no universo das ruas desnudas: são elas vendedoras e mercadorias simultaneamente, como a rivalizar com o homem privado do interior das passagens. Afinal, tanto nas ruas quanto nelas (nas passagens), há uma busca pela casa: "Esta procura por meu lar... foi minha provação... Onde fica... meu lar? Pergunto por isto, procuro e procurei, nada encontrei" (Nietsche. Assim falava Zaratustra). Ora, esta procura é mais um espelho onde se vê o hospício: homens-mercadorias-cadáveres procurando pelo seu lar, este objeto perdido.

Nas Flores do Mal, Baudelaire (1857/1985) retrata o aspecto confuso e repugnante das ruas de Paris. No poema Os sete velhos (*Les sept vieillards*), relata o aparecimento sete vezes reiterado de um velho com aspecto repugnante:

De um quadrúpede enfermo ou judeu de três patas,  
Em meio à neve e ao lodo, pisava fundo  
Como se espezinhasse os mortos com as sapatas,

De modo mais hostil que indiferente ao mundo.  
Vinha com seu par: barba, olhar, costas, cajados,  
Gêmeos em tudo, do mesmo inferno saído,  
Espectros tão antigos quanto amaneirados  
A seguir para o mesmo fim desconhecido.  
Em que complô infame eu tinha me enredado  
Ou que acaso perverso tanto me humilhava?  
Pois contei sete vezes devagar, pausado  
Que este velho sinistro se multiplicava!

É o mal-estar das ruas. O mal-estar do capitalismo que vai sendo desenhado nas linhas do poeta. Benjamin não via nas passagens apenas as ruas que foram sendo vestidas e revestidas com os sonhos da Cidade-Luz, mas as visualizava como moradas de sonho, como naves de uma igreja, tendo as lojas como capelas laterais. Dialogamos com Benjamin e divisamos nas passagens os corredores do hospício, onde também estão reclusos o mal-estar do capitalismo e suas consequências funestas.

Passagens e ruas se opõem. Na obra *La Guerre Déclarée*, Brazier, Gabriel e Dumersau demonstram esse jogo entre *Les Passages et les Rues*:

Cento e quarenta e quatro passagens abrem suas bocas escancaradas para devorar nossos hábitos, para fazer fluir as ondas incessantemente renovadas de nossa multidão ociosa e ativa! E vocês querem que nós, ruas de Paris, fiquemos insensíveis a essas invasões de nossos direitos antigos! Não, nós pedimos a interdição de nossos centro e quarenta e quatro adversários, além de 15 milhões e quinhentos mil francos de indenizações e juros.

A seu modo, as ruas também pedem a interdição dos hospícios. Pois os donos do poder, segundo Brecht, sentem grande aversão a grandes transformações.

Não apenas as passagens ajudam a compreender Paris. Há ainda um outro sistema de galerias que se estende nos seus subterrâneos: o metrô onde, à noite, as luzes se acendem rubras, indicando o caminho do Hades. Este labirinto subterrâneo também exige não apenas o lançamento de uma virgem tebana por ano à guisa de sacrifício, mas sim milhares de jovens operárias anêmicas que cumprem o doloroso destino da cidade: oferecer-se a si mesmo em sacrifício do lucro, da ciência e do saber psiquiátrico. Um sujeito não é só um corpo, mas é também um corpo que circula em uma cidade, em um determinado tempo, carregando uma certa história.





Fonte: Museu da Loucura. Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena. Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais. Acervo.



Fonte: <http://www.guiadoestrangeiro.com>. Rua Jean-Jacques Rousseau, 75001, Paris.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização material: economia e capitalismo – séculos XV- XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CALVEIRO, Pilar. *Poder e desaparecimento: os campos de concentração na Argentina*. São Paulo: Boitempo, 2013.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015.

LE GOFF, Jacques. *Por amos às cidades*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.